

4

“Não entres por enquanto nesta noite escura”¹

[...] não seria má ideia dar um nó na vida para não me esquecer dela.²

Neste capítulo pretendo explorar outras possíveis alternativas de leituras das crônicas de António Lobo Antunes, buscando salientar e apontar o papel social abrangente e importante que acredito que elas possam exercer, pois em muito ultrapassam o pretexto de serem “[...] coisas para entreter aos domingos”. Nada é gratuito nos textos de Lobo Antunes, pois ele tem o dom de oferecer, nos seus inúmeros olhares, o estímulo necessário capaz de provocar que o leitor quebre regras e crie os seus olhares, a sua leitura. Suas crônicas trazem sugestões ou propostas sutis, como a do título escolhido. “Não entres por enquanto nesta noite escura”, nome de uma crônica (cujo título é semelhante ao título de um dos romances do autor: Não entres tão depressa nesta noite escura), contém em igual medida a leitura da densidade dos diversos sentidos da morte ou dos vazios da alma, e um convite a um adiamento deste momento, ou melhor, ao aproveitamento destes momentos para alimentar a vida. Percebe-se nos textos de Lobo Antunes uma dupla costura que expõe e esconde o avesso e o direito, a inexorabilidade e as vantagens do tempo, a bagagem adquirida versus a vida esvaída - como se o autor estivesse propondo que, diante da evidência de que nascemos condenados à morte, podemos usufruir do processo que é o de um caminho sem volta.

Em sua maneira especial de ver as coisas e o mundo, Lobo Antunes constantemente ultrapassa o limite do bizarro e do excesso e que faz lembrar a conceituação da barbárie necessária ao artista feita por Baudelaire:

[...] uma barbárie inevitável, sintética, infantil, que muitas vezes permanece visível numa arte perfeita [...] e que resulta da maneira de ver as coisas de maneira ampla, e de, principalmente, considerá-las no seu efeito de conjunto. [...] assim, G., traduzindo fielmente as próprias impressões, marca com uma energia instintiva os pontos culminantes ou luminosos

1 ANTUNES, António Lobo. “Não entres por enquanto nesta noite escura”. IN: *Segundo livro de crônicas* Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.37

2 ANTUNES, António Lobo. “Volto já”. IN: *Livro de crônicas* Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.292

de um objeto [...] ou suas principais características, algumas inclusive com um exagero útil para a memória humana; [...] ³

O autor ao interpretar o cotidiano, faz lembrar o conceito de arte mnemônica, criado por Baudelaire, que afirma: “todos os bons e verdadeiros desenhistas desenharam a partir da imagem inscrita no próprio cérebro, e não a partir da natureza.”⁴ Desta mesma forma, Lobo Antunes imprime em seus traços sua percepção e análise próprias, acentuando e relevando coisas que, pela fidelidade que mantém à sua leitura, ora provocam atração ora repulsa. Suas representações atingem o belo definido por Baudelaire, tanto por conterem em si “[...] um elemento eterno, invariável, [...] e um elemento relativo, circunstancial, que será [...] a época, a moda, a moral, a paixão.”, quanto pela intensidade que determina que “quanto mais beleza o artista [...] conferir [à obra], mais preciosa[esta] será”⁵.

Analogamente, o autor poderia ser considerado, não “o pintor da vida moderna”, como Baudelaire definiu o artista Constantin Guys, mas como o pintor da vida pós-moderna entre outros atributos, pois além de apresentar registros de imagens de uma época, de trazer em seu traçado aspectos históricos e sociais, Lobo Antunes parece introduzir questionamentos ao dar um final reticente para suas crônicas, no sentido em que cada ponto final é também o ponto de partida para a reflexão. Seus textos requerem um leitor especial, aquele que deseja mais da vida e que possua certa dose de barbárie em seu feitio para aceitar os apelos das crônicas. Para esse hipotético leitor, o autor dedica diretamente a crônica “Receita para me lerem”⁶ onde apresenta algumas “chaves de leitura” para a sua obra. O sugestivo título parece ter triplo sentido: o de uma fórmula para medicamento, o de um valor a ser recebido ou agregado e o de uma receita culinária, cujo sucesso depende muito mais da sensibilidade do *gourmet* do que da precisão dos ingredientes. Embora os três sentidos se ajustem ao texto, acredito que o primeiro possa ser descartado, pois não parece que o autor pretenda apontar

3 BAUDELAIRE, Charles. “O pintor da vida moderna”. In: COELHO, Teixeira. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P. 161

4 Idem. P. 178

5 Idem. P. 162

6 ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: *Segundo livro de crônicas* Lisboa: Dom Quixote, 2002. P. 109

nenhuma solução mágica ou pronta, “nem conclusões definidas”⁷. Ao contrário, abre portas para o desconhecido, como mostra o fragmento:

[...] A verdadeira aventura que proponho é aquela que o narrador e o leitor fazem em conjunto ao negrume do inconsciente, à raiz da natureza humana. Quem não entender isto aperceber-se-á apenas dos aspectos mais parcelares e menos importantes dos livros: o país, a relação homem-mulher, o problema da identidade e da procura dela, [...] ⁸

Apesar de estarmos diante de uma “receita” para a leitura dos romances, a temática desta crônica se estende muito além de um texto, pois o autor quer despertar no leitor, aquilo que julga importante. Se, aparentemente, Lobo Antunes vê a complexidade do mundo de forma cristalina, isto se deve ao olhar infantil que se reproduz em suas narrativas, como declara:

[...] não me sinto agressivo, sinto-me miúdo, em certas coisas sinto-me pequeno, pequenino, gostando de chatear os adultos, mas tenho funcionado sempre assim, sempre em temas tão afectivos! ⁹

Esta criança confessada é fundida ao mesmo ser adulto que, tendo plena consciência do tempo, da ignorância e da finitude, declara: “O mais que, em geral, recebemos da vida, é um conhecimento dela que chega demasiado tarde.”¹⁰. A constatação atíca no leitor o desejo de explorar os processos humanos vividos no cotidiano, muitas vezes simples e repetitivos, como instrumentos para crescer como pessoa e fazer uso, de maneira mais econômica e rentável, do tempo. Esta consciência, atributo raro nesses tempos em que a passagem do tempo e a morte são negadas, faz com que proponha uma trajetória profunda e intensa:

[...] É preciso que se abandonem ao seu aparente desleixo, às suspensões, às longas elipses, ao assombrado vai-vem de ondas que, a pouco e pouco, os levarão ao encontro da treva fatal, indispensável ao renascimento e a renovação do espírito. É necessário que a confiança nos valores comuns se dissolva página a página, que a nossa enganosa coesão interior vá perdendo gradualmente o sentido que não possui e todavia lhe dávamos, para que outra ordem nasça desse choque, pode ser que amargo mas inevitável.[...] ¹¹

Para que esta intensidade seja atingida, Lobo Antunes propõe que o leitor *mergulhe* em seus textos como quando “se apanha uma doença”, o que dá a idéia

7 ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: Op. Cit. P.110

8 Idem

9 ANTUNES, António Lobo. In: Jornal de Letras, Artes e Idéias: Ano I. 1982.

10 ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: Op. Cit p.110.

11 Idem p.110

da necessidade de um estado de prostração e torpor, a fim de catalisar o processo. Após este banho de imersão nas profundezas de si mesmo, o autor sugere um período de convalescença quando, ao final da leitura e livres da doença: “verão que vocês regressam de vocês mesmos carregados de despojos.”¹², ou seja, quando esses “despojos” se separam do ser tomando um corpo independente, tornam-se visíveis e concretos para serem expurgados. Todo este processo torna a convalescença um período de intensa clarividência, de elaboração e de entendimento dos *insights* advindos do texto.

Baudelaire em uma de suas análises da obra do artista Constantin Guys, faz a seguinte afirmação:

Imagine-se um artista que estivesse sempre, espiritualmente, em estado de convalescença e se terá a chave do caráter de G. Ora, a convalescença é como uma volta à infância. O convalescente goza, no mais alto grau, como a criança, da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que aparentemente se mostram as mais triviais.¹³

Se Lobo Antunes sugere que o leitor participe deste estado de convalescença, e se podemos atribuir a este estado as mesmas características dadas por Baudelaire, o leitor de Lobo Antunes ganha, durante este período, as características atribuídas por Baudelaire a um artista, ou seja, ainda que a convalescença de um leitor de Lobo Antunes seja muitas vezes penosa e dolorida, ele ganha a oportunidade de vivenciar a agudeza da percepção e de ser agraciado com a capacidade de “goza[r] no mais alto grau, como a criança, da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que aparentemente se mostram as mais triviais.”. Este é um dos pontos importantes e abrangentes, alcançados por Lobo Antunes em suas crônicas, que é importante sublinhar: quando, através do olhar *moleque* mesclado à razão adulta, o autor dilui os vastos impérios nos *oceanos* da casa, ele desmistifica os mistérios e abre portas e janelas para a sua compreensão, tornando triviais e humanas as coisas ditas complicadas e inatingíveis para aqueles que não habitam o Olimpo da *sabedoria* e da intelectualidade. Com isso, Lobo Antunes devolve ao leitor o olhar infantil e esquecido, para ser incorporado à bagagem de experiência do adulto. Ao transpor os grandes feitos para as mazelas do cotidiano, o autor reverte o jogo do poder - que transpira importância pelo falso status que ocupa -, mostrando as cartas de um

12 ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem” In: Op. Cit. P.110

13 BAUDELAIRE, Charles. In: Op. Cit.. P. 168

baralho simples, humano e comum. Deste modo, oferece as chaves da clarividência dos *insights*, estimulados pela *ponte* criada entre o texto e o universo do leitor, que encontra os pontos de identificação e se reconhece protagonista das histórias, como mostra o fragmento abaixo, recortado da crônica “Minuete do senhor de meia-idade”¹⁴. Esta crônica apresenta um relato em que o personagem faz um *balanço* da vida extremamente ilustrativo dos pontos de identificação citados:

A vida é uma pilha de pratos a caírem no chão. Vai a gente muito devagar da sala à cozinha, com aquela loiça toda de dias, semanas, de meses em equilíbrio uns sobre os outros, a tilintarem e a tremerem, mais dúzias de garfos e facas escorregando lá em cima, no meio dos restos de comida e dos restos de infância, de espinhas de peixe de pequenas mentiras e de folhas de alface de domingos felizes, e nisto, sabe-se lá porque, os anos entortam-se, uma saudade escorrega,[...] e a meio do corredor ou então já na cozinha, já com a bancada à vista, já pensamos nós a salvo, os dias, as semanas, os meses deslizam uns a seguir aos outros, devagar primeiro, depressa depois, tudo junto por fim, e eis a vida em cacós no linóleo, um único pires completo e o resto bocadinhos,[...] o único pires completo é ter cinquenta anos e tanta coisa quebrada à volta, trazer a pá e a vassoura, deitar a vida no balde,[...] ¹⁵

Através dessa cena trivial e doméstica, o autor é capaz de condensar de forma simples e comum a toda gente, os passos da vida em pilhas de pratos, de tempo e de vivências. A sofisticação de Lobo Antunes está na simplicidade alcançada. A abrangência de seus textos está no evidente exercício de extrema depuração que resulta na pronta identificação oferecida ao leitor. Neste momento, aparentemente, o autor não faz elucubrações nem apresenta questões herméticas acerca da vida pelo contrário, trabalha uma matéria prima concreta para dar forma clara e direta à sua mensagem, que, apesar de ser carregada de profundidade é facilmente perceptível em seus instantâneos frugais. Este movimento, faz lembrar os versos “Com a roupa encharcada e alma repleta de chão/ Todo artista tem de ir aonde o povo está”¹⁶, pois mostra o ponto em que o artista, “que vai aonde o povo está”, alcança de forma direta o seu público, e torna-se claro para despertar no

14 ANTUNES, António Lobo. “Minuete do senhor de meia-idade”. IN: *Segundo livro de crónicas* Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.85

15 Idem. P.85-86

16 MILTON NASCIMENTO. Nos bailes da vida. M. Nascimento, F. Brant. [compositores]. In: Milton Nascimento ao vivo: Ariola/Polygran Brasil p. 1983. Faixa 6.

leitor o artista que tem dentro de si. Isto fecha o círculo da relação proposta entre texto e leitor e deixa transparecerem a genialidade e generosidade do autor quando, voltando à crônica “Receita para me lerem”, fala:

Disse em tempos que o livro ideal seria aquele em que todas as páginas fossem espelhos: reflectem-me a mim e ao leitor, até nenhum de nós saber qual dos dois somos. Tento que cada um seja ambos e regressemos desses espelhos como quem regressa da caverna do que era.¹⁷

Por outro lado, esta crônica apresenta um desabafo, onde o autor pacientemente explica o que não se explica. “Apanh[ar] uma doença” como recurso para *entrar* no texto, pressupõe um leitor afiado e capaz de se embrenhar no lodo para encontrar as flores de lótus presentes em seus textos. Lobo Antunes exige de seu leitor, capacidade de abstração, fôlego e estômago. Ele sabe que o atingir deste patamar não depende apenas de uma condição intelectual, cultural ou social, mas sim de um nível de sensibilidade para transitar, a partir de suas crônicas, pelos mais variados universos da vida. O autor admite que os seus textos sejam difíceis e chega a criar uma forte imagem para falar da eventual não compreensão de sua narrativa:

[...] os mal-entendidos em relação ao que faço, derivam do facto de abordarem o que escrevo como nos ensinaram a abordar qualquer narrativa. E a surpresa vem de não existir narrativa no sentido comum do termo, mas apenas largos círculos concêntricos que se estreitam e aparentemente nos sufocam. E sufocam-nos aparentemente para melhor respirarmos.¹⁸

A imagem de “círculos concêntricos que se estreitam” em direção a um centro, faz lembrar uma fotografia aérea das cidades contemporâneas que, num movimento contrário, se expandem a partir do centro para fora, compondo um desenho cujos círculos periféricos são formados em geral por bairros proletários. Estes bolsões, embora façam parte da cidade, flutuam à margem da sociedade e, ao invés de sufocar para melhor respirar, sufocam a imagem *perfeita* e desejada quando representam o verdadeiro cenário urbano, frustrando a projetada excelência do ambiente perfeito, de que fala Bauman.

Na velocidade que caracteriza os tempos atuais, os novos caminhos são traçados sobre antigos conceitos, valores e referências que se reformulam e parecem perder a importância tornando-se obsoletos. Este processo se apresenta

17 ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. IN: Op.cit. P.111.

18 Idem.

claramente nas manifestações e atividades culturais que, apropriadas pela indústria do lazer e pelo mercado, foram transformadas em entretenimento, passatempo ou festa de consumo. O homem, sujeito aos quesitos que os códigos sociais consideram como fundamentais ao bem-estar, passa a ter sede destes *oxigênios* materiais, que saciam e aliviam mas, como uma droga, anestesia para no instante seguinte, pedir mais, o que torna o consumo, uma “prática idealista total, que desmaterializa, irrealiza.”¹⁹

4.1

O autor e os ambientes culturais contemporâneos

A crônica “A Feira do Livro”²⁰ relata um evento situado no limiar entre a cultura e o consumo, onde o autor descreve a sua própria participação como escritor. Nela, Lobo Antunes faz uma dissecação do consumidor-leitor contemporâneo. Ao descrever o ambiente, o autor deixa clara a divisão que vivencia entre confessar “... gosto que me leiam...”²¹ e a realidade dos momentos em que lá passa, do abismo existente entre a obra de arte e o público. Percebe-se no início do relato, a insegurança típica do artista ao expor o seu trabalho à apreciação pública, e o dilema entre a timidez - associada à de um jovem estudante aplicado - e a constatação de que depende desta exposição para que o ciclo do trabalho artístico se complete como mostra o poético e romântico fragmento:

[...] gosto sobretudo de conhecer as pessoas que me lêem e me ajudam a sentir que não lanço ao acaso do mar garrafas com mensagens corsárias que se não sabem onde vão ter, e gosto dos romances que escrevi. 22

Neste momento em que se reconhecem mutuamente o escritor e o leitor, Lobo Antunes arremata de forma incisiva, pois ao indicar uma breve pausa com uma vírgula, isola e chama a atenção para o que vai dizer a seguir. Quando afirma que gosta dos romances que escreve, fala tanto da seriedade e da energia despendidas em sua criação, como da expectativa de retorno deste empenho com

19 ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. IN: BRUZZI, Hygina Moreira. *Do visível ao tangível, em busca de um lugar pós-utópico*. Belo Horizonte: Com arte, 2001. P.11

20 ANTUNES, António Lobo. “A Feira do Livro”. IN: *Livro de crônicas* Lisboa: Dom Quixote, 2002. P. 35

21 Idem. P.35

22 Idem.

igual peso. Nota-se neste pormenor o conteúdo temático do texto e um leve acento irônico e prenunciativo de maus momentos, como descreve:

De modo que ali estou, satisfeito e tímido, acompanhado pelo Nelson de Matos que me pastoreia com paciência, com uma placa com o meu nome e as capas em leque à minha frente, um pouco com a sensação de vender bijuterias marroquinas nos túneis do Metropolitano do Marquês ou fatos de treino fosforescentes na Feira do Relógio, que os leitores folheiam [...]²³

À sensação de desconforto e inadequação que faz com que o autor seja “pastore[ado] com paciência”, subjaz a idéia de um animal tinoso e resistente ao ambiente, o que deixa claro a evidência do lobo - sob a pele do tímido cordeiro - indignado e pronto a defender a sua cria literária ao senti-la tratada como mercadoria de uma banca de camelô “que os leitores folheiam” distraídos como se folheassem uma revista. Esta gana contida é expurgada através de mais uma das muitas alternativas propostas pelo autor para que se tire um bom proveito do percurso da vida: as grandes fantasias vingativas que apresenta e divide com o leitor:

[...] e eu em lugar de lhes explicar obsequioso e seguro que os livros não desbotam nem encolhem na máquina limito-me por falta de vocação cigana a pôr a etiqueta lá dentro
(Deus sabe o que me apetece às vezes assinar Hermès ou Valentino)
e a devolvê-los com o sorriso lojista de quem garante qualidade e boa malha. ²⁴

Entretanto a retidão é expressa na “falta de vocação cigana” enquanto a ironia do “sorriso lojista” dá seguimento ao revide, ao confessar se sentir “[c]omo nos saldos da Avenida Roma” apresentando os seus *produtos* para um público típico desses ambientes, ou seja, os seus leitores potenciais, como mostra o fragmento:

[...] é o senhor de meia-idade e olhinho alcoviteiro que abre Os Cus de Judas,[...]e se afasta a desabafar para um sócio de unha guitarrista
- Bolas nem sequer traz fotografias
é o rapaz de cabelo amestrado a gel e crocodilo no mamilo,[...] que pergunta numa piscadela cúmplice
- Já agora qual é o que tem mais curtições assim cenas de cama está a perceber?
é a tia virtuosa, de sapatos tipo caixa de violino, preocupada com a educação dos sobrinhos, essas tias que se oferecem

²³ ANTUNES, António Lobo. “A Feira do Livro”. IN: Op. Cit. P. 35

²⁴ Idem.

sempre para os levar a fazer chichi, que me observa com severidade apostólica:

- O que devo comprar para a minha afilhada coitadinha que fez anteontem a primeira comunhão?

é o autoritário que espeta o dedo na página e ordena em voz de furriel

- Ora meta aí: para a Fernanda no seu trigésimo oitavo aniversário com os melhores votos de felicidades e agora enfie o seu apelido

É o que fica a seguir, desconfiadíssimo, o aviar da receita, inclinado para diante de mãos nos bolsos do rabo, e me corrige ultrajado

- Elizabeth é com th você tem alguma coisa contra as Elizabeths ou não é escritor? 25

Ao descrever o público típico de uma feira, Lobo Antunes faz um apanhado crítico da sociedade, pois cada personagem corresponde a um nicho sócio-cultural que, apesar das diferenças, responde igualmente aos apelos de consumo. O autor aponta ranços da autoridade retrógrada nas representações da Igreja através da “tia virtuosa” que, associada a desvios sexuais, deixa claro a doença da “severidade apostólica” travestida na *pureza virginal* da primeira *comunhão* (com Deus); fala do exército – no imperativo de uma “voz de furriel” a obrigá-lo a assinar uma dedicatória cujo conteúdo é fornecido pronto como uma declaração de confissão, onde percebem-se os vestígios da ditadura nas técnicas de tortura. Este rol de personagens mostra o perfil do consumidor contemporâneo, também representado no senhor de meia-idade como o tipo que é sugestionado pelo título do livro, ou o adolescente tomado pela febre hormonal. A pequena cena que Lobo Antunes cria para descrever o último *cliente* citado, indica, pela desconfiança e sensação de perseguição do personagem, um diagnóstico de paranóia que, associado à confusão criada entre uma dedicatória e o aviamento de uma receita, leva à conclusão de que a intenção final do autor foi a de estabelecer um paralelo entre o público e os loucos e, por extensão, ser o ambiente de uma feira de livros semelhante à de um hospício.

Ao final da feira, sai o aliviado escritor para celebrar com a filha o “fim dos saldos lambendo um último gelado.”²⁶ e ler “os Almanques do tio Patinhas”²⁷. Com firme clareza aponta a seus leitores o caráter comercial do evento não só pelo título do almanaque escolhido, mas também ao afirmar que o encontrou

25 ANTUNES, António Lobo. “A Feira do Livro”. IN: Op. Cit. P. 35-36

26 ANTUNES, António Lobo. “A Feira do Livro”. IN: Op. Cit. P. 36

27 Idem.

“numa prateleira dedicada às leituras difíceis e cujos títulos [o] encantam: Psicanalise-se A Si Mesmo, Como Enriquecer Sem Sair De Casa, A Vida Sexual de Adolfo Hitler, [...]”.²⁸

De forma semelhante, a deliciosa crônica “Os museus” parece configurar uma alegoria da relação entre o homem, a cidade e a cultura contemporâneos. Nela, o personagem discorre sobre as suas visitas a museus desde a infância: “... quando decidiram ensinar-me a gostar das coisas belas da existência,...”.²⁹ O relato se inicia com uma lenda supostamente atribuída ao pintor Bonnard, na qual o artista freqüentava os museus onde seus quadros estavam expostos, com a finalidade de retocá-los. Isto faz com que o personagem, nas poucas vezes em que diz ter entrado em museus tenha tido a fantasia de encontrar o artista no ato do retoque. Como a condição não foi possível, o personagem se aborrece. Esta passagem, como também a que admite sentir-se identificado com um chinês que, quando ia a um concerto musical, “mal os músicos acabavam de afinar os instrumentos aplaudia-os de pé e ia-se embora.”³⁰, mostram a intenção não só de louvar os processos de produção e criação, como de sublinhar que uma obra finalizada é uma obra morta e, por extensão atribui à vida este papel, como o próprio autor afirma: “Viver é como escrever sem corrigir.”³¹ O relato dessa crônica é pontuado por observações indicativas da oposição entre os espaços *vivos* e os espaços *mortos*. O que chama a atenção do personagem é sempre o que esta em volta da obra de arte (espaço vivo) e não a obra em si (morta): “Julgo que me fascina mais, nesses lugares de recolhimento e êxtase, os alarmes contra roubo do que os quadros.”³² Percebe-se aí a ironia de Lobo Antunes ao concentrar na figura do personagem o despreparo do público que, para se sentir parte da sociedade, *engole* o kit-cultura como um purgante amargo, porém *benéfico*. Por outro lado, o autor levanta uma questão importante: a falha na educação e a conseqüente ignorância associadas aos espaços monumentais dedicados à memória de uma história que passa ao largo do conhecimento da maioria da população. Com humor e ironia, Lobo Antunes coloca na voz do personagem

28 Idem.

29 ANTUNES, António Lobo. “Os museus”. IN: *Livro de crónicas* Lisboa: Dom Quixote, 2002. P. 355

30 ANTUNES, António Lobo. “Os museus”. IN: Op.Cit. P.355.

31 ANTUNES, António Lobo. In: BLANCO, María Luisa. *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002

32 ANTUNES, António Lobo. “Os museus”. IN: Op.Cit. P.355

quando criança, a representação do que a maioria dos adultos supostamente sente ao percorrer um museu: um misto de “admiração respeitosa”, humildade, reverência e temor a este ambiente que transpira um “silêncio de velório”. Estes sentimentos são semelhantes aos dedicados aos templos religiosos e correspondem às insinuações de que o peso do poder representado pela Igreja até hoje, seria deslocado para os museus nos tempos atuais. Isto quer dizer que os museus no século XXI, poderiam substituir em imponente e peso, a importância que as igrejas tiveram até então.

O então menino, que não entendia porque não podia usar a escarradeira, ou sentar-se na cadeira Luís XVI, vai transformando a inquietação e a curiosidade típicas da infância, em tédio e desinteresse, pois qualquer expressão de vitalidade, curiosidade e ação é “uma actividade incompatível com o amor do importante e do belo”³³, como mostra o fragmento:

[...] corredores sem fim, dizia eu, guardas idosos a abrirem a boca pelos cantos e no interior das molduras senhoras e cavalheiros de outros tempos a olharem-me da parede numa gravidade de acusação. [...] estátuas a que faltavam bocados, cacos poeirentos protegidos por vidro da diligência das mulheres a dias, ciscos que no meu entender não valiam um caracol e provocavam uma admiração respeitosa, [...] 34

As observações assertivas e sinceras do personagem mostram a clareza com que Lobo Antunes *alfineta* as práticas tradicionais de educação e de cultura que fomentam somente o desinteresse. Ao fim da visita, o olhar infantil e irreverente que o personagem mantém dentro de si irrompe ao vislumbrar o fim do suplício, do:

[...] silêncio de velório, [d]o eco dos nossos passos nas garagens à noite e [...]a seguir graças a Deus a porta da saída, graças a Deus a rua
(antes da saída havia um balcão onde damas de óculos vendiam o que acabava de me martirizar em álbuns coloridos)
[...] e na rua o sol verdadeiro, prédios verdadeiros, árvores verdadeiras e casas de banho como devem ser cheias de palavrões e desenhos interessantíssimos. 35

Lobo Antunes revela neste clímax, o quanto é penoso o cumprimento de um ritual cultural para uma parcela da população que não se sente preparada ou à altura de compreender, mas que deve fazê-lo. Chama a atenção para o mercado de *souvenirs* que parecem hoje ter mais importância do que as obras expostas e

33 ANTUNES, António Lobo. “Os museus”. IN: Op.Cit. P.355

34 Idem p.355-356

35 ANTUNES, António Lobo. “Os museus”. IN: Op.Cit.. P. 356

mostra o alívio na volta à realidade, acentuado pela descrição dos banheiros que no mundo real se mostram muito mais vivazes do que os do museu que são: “(as únicas casas de banho sem nada escrito que encontrei na vida)”³⁶. Apesar da tradição mantida pelo personagem que, por sua vez, também leva a filha ao museu, percebe-se a velha vivacidade infantil ao constatar a avaliação da menina:

- O pai me desculpe mas achei aborrecente de forma que num pulo de alegria a levei a um café bem rasca e pedi dois sorvetes de baunilha. Levamos horas a lambê-los e o meu era tão bom que ainda me recordo do sabor. ³⁷

Lobo Antunes parece reforçar também com a crônica “Os Museus” um outro aspecto das sensações vividas nas cidades: que a vida prazerosa se dá fora do lugar onde se está. Ao mesmo tempo a franca alegria do personagem ao final do relato representa uma possível alternativa que o autor oferece: num tempo em que se olha para o futuro ou se reverencia o passado, é possível descobrir chaves para aproveitar o presente na simplicidade dos universos encontrados nas coisas corriqueiras. Ao apontar que no mesmo salão estão *expostas* tanto obras de arte quanto equipamentos de segurança, Lobo Antunes mostra a equivalência de peso que estas peças passaram a ter, ou seja, põe em dúvida o valor das obras expostas e a importância dada às novas invenções periféricas que, anteriormente desenvolvidas como acessórios passam a ganhar status de arte. Com isso, o autor ilustra, cheio de ironia, a grande confusão de valores da atualidade.

Com as crônicas “A Feira do Livro” e “Os Museus”, tem-se a dimensão de como hoje se dão as atividades culturais: ora com um cunho maçante, inatingível e dissociado do padrão educacional vigente, ora como um evento que, superficial e cheio de apelos consumistas, é firmemente trabalhado pelo poder público em conjunto com o mercado, com finalidades lucrativas. Lobo Antunes com essas crônicas, longe de criar um “entrete[tenimento para]os domingos”, levanta uma bandeira de alerta contra o descaso e a deformação cultural e social da atualidade. A mesma ingenuidade da população que, “pastore[ada]” e esquecida dos próprios lobos internos, aceita e é seduzida pelos títulos dos livros é a que se encontra na ilusão criada diante de qualquer folheto promocional de lançamento imobiliário, cujos *slogans*, tais como *Espaços inteligentes, estilo de vida diferenciado, A diferença entre morar e viver* ou *Um empreendimento de classe mundial*,

³⁶ ANTUNES, António Lobo. “Os museus” · IN: Op.Cit. P.356

³⁷ Idem. p.356

largamente utilizados na contextualização dos imóveis residenciais e comerciais, são associados à imagens faraônicas e paradisíacas. Quando fazem penetrar num outro mundo, num universo de sonho, onde o objeto do prazer e dos desejos se vê *realizado* na profusão de cores impressas no papel de excelente qualidade, exercem a mesma função que as capas de livro, cada dia mais bonitas e cujos títulos mágicos e apelativos, sublinham a importância dada às fachadas em detrimento dos conteúdos ou interiores.

Ora, se sabemos que todos estes empreendimentos literários ou imobiliários saem respectivamente dos punhos de um escritor ou da prancheta de um arquiteto, o que está acontecendo? Falta de criatividade? Falta de oportunidade que obriga a dançar conforme a música? Falta de educação? Onde estão a ética no exercício profissional e o compromisso social com o leitor-cliente-público? A sensibilidade crítica parece se diluir e emudecer ante os novos conceitos de vida, anunciados nos *folders* distribuídos em sinais de trânsito. Lobo Antunes aponta, em suas crônicas, que estamos vendendo sapatos, casas, cidades ou livros, embrulhados em *glamour*, *arte* e *felicidade*. Talvez cegos, ou anestesiados pelos sedutores apelos tecnológicos e de mercado, tenhamos adormecido fundamentais capacidades humanas, que diferem o homem do restante dos animais, tais como: perceber, observar, sentir e pensar. Encantados pelo canto das sereias do narcisismo, embaralhamos o real e o virtual, o joio e o trigo. Inebriados de vaidade, esquecemos em meio ao pastiche, de conceitos básicos como ambiência, bem-estar e fruição, e dos limites entre o interior e o exterior, dessa *pele* que nos protege e auxilia na distinção, cada vez mais difusa, entre o mundo privado, de intimidade e o mundo público, entre a capa de um livro e seu conteúdo, arma potente na obra de Lobo Antunes.

4.2

Simulacro e ficção

As imagens não mais representam, mas simulam – e a “simulação se refere ao mundo sem referências, de que toda a referência desapareceu.”³⁸ Bauman ao dizer isso, está falando da situação da vida nas cidades contemporâneas: das

38 BAUMAN, Zygmund. In: Op. Cit. P.135

idades-espetáculo, onde os nossos papéis não são nem sequer os de figurantes, mas admiradores e espectadores. Como diz Augé:

[...] nossas cidades se transformaram em museus (monumentos revalorizados, expostos, iluminados, setores reservados e ruas para pedestres), enquanto desvios, rodovias, trens de alta velocidade e vias expressas nos desviam deles.³⁹

As incessantes reformas urbanas e a transfiguração das cidades segundo uma escala desumana não são acompanhadas pelos sentimentos humanos e acabam por fazer com que o sujeito não reconheça nem a si, nem aos espaços. As dimensões das ruas e os meios de transporte, por onde são feitos os percursos diários, dificultam o exercício da troca, da interação e fruição e, em contrapartida, oferecem, durante a solidão dos trajetos, ilusões vistas através das janelas em enormes *outdoors* que fazem confundir o real, a ficção e o simulacro.

Neologismos como a espetacularização, a estetização e a museificação das cidades são tentativas de nomeação e apreensão dos novos conceitos e processos urbanos presentes e incutidos pela mídia no cardápio do cotidiano. A maquiagem e a *limpeza* das cidades, hoje travestidas em postais (ou *outdoors*), como *Monalisas* eternamente prontas para serem fotografadas, parecem mostrar uma imagem perfeita e asséptica para *vender* uma realidade que não existe. Ao estabelecermos o lógico paralelo entre urbanismo e arquitetura, alcançamos que a nossa cidade é a nossa casa que, por sua vez, transforma-se num palco onde o espetáculo se faz presente e atuante e para onde a mesma coqueluche de faxina e assepsia rasa e epitelial se estende e invade. Segundo Otilia Arantes:

[...] Baudrillard [...]observ[a] que [...] nada pode ser visto onde não há profundidade, onde não há sentido a ser desentranhado [...]. Daí a “obscenidade” do mundo contemporâneo: simplesmente não há mais nada em cena. Obscenidade da exposição plena, que cega, ao invés de seduzir, na extroversão do consumo ostensivamente explícito – da imagem de marca à guerra espetáculo eletrônico. 40

O ambiente privado é outro conceito que se altera, pois o porto seguro, o lugar de intimidade torna-se um transparente objeto de exposição. Espaços e casas replicantes para um ser humano replicante, e não falo aqui dos que são empurrados para a exclusão, mas dos que se sentem parte, dos que têm acesso, *usufruem* e consomem as *delícias* urbanas deste início de século.

39 AUGÉ, Marc. In: Op. Cit. P. 69

40 ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. IN: Op. Cit.. P.14

Diante de tais mudanças, cabe a suposição de que esteja ocorrendo uma inversão nos papéis, ou seja: estarão este sujeito desfocado e deslocado e a própria sociedade tornando-se um reflexo da arquitetura e do urbanismo? Estarão os planejamentos urbanos e arquitetônicos, em associação com o mercado, determinando percursos e cursos de vida? Estas indagações tocam em questões que envolvem a concepção e a percepção dos espaços e sua interferência na vida das pessoas. É nesta interferência que encontramos um dos pontos fortes das crônicas de Lobo Antunes que ganham um novo relevo quando percebemos o valor dessas *entrelinhas* representadas, muitas vezes, nos apostos e entre parênteses fartos em seus textos.

No fundo, um escritor é um bocado um ladrão, um gatuno de sentimentos, de emoções, de rostos, de citações. Um livro é sempre feito de pequenos roubos com a vantagem de não sermos condenados. 41

Com estas palavras, Lobo Antunes admite apossar-se de minúcias da vida cotidiana, de sutilezas e de características humanas, dos pequenos detalhes que as pessoas deixam transparecer, para transformá-las em matéria prima para seu trabalho. Ao mesmo tempo o autor está atento às sutilezas e aos detalhes do mundo à volta, do ambiente em que vivem essas pessoas, ou seja, o autor usa também como material, aspectos diferentes e complementares do dia-a-dia: aquilo que escapa do ser humano e aquilo que escapa ao ser humano em sua relação com o mundo. Este olhar, que entende a importância do que circunda o que o primeiro plano do que está sendo visto ou dito, é semelhante ao do arquiteto, pois a observação do entorno do objeto arquitetônico é fundamental, tanto para a concepção, como para a apreciação da relação deste espaço construído com o ambiente em que nasce - seja este ambiente uma cidade, uma casa ou uma cozinha - e, principalmente, da sua interação com o homem. De maneira similar à do autor, ao projetarmos um objeto arquitetônico, somos “um bocado ladr[ões]” pois *entramos* no mundo do cliente tanto pelo que ele diz, demonstra ou expõe, quanto pelo não-dito, pelas *entrelinhas*, ou seja, trabalhamos também com aquilo que escapa sem que ele perceba, isto é, o seu entorno.

O exercício profissional de um arquiteto pressupõe a convivência entre a realidade e a ficção, pois ao tratar-se de uma arte que só se realiza no uso e na

41 ANTUNES, António Lobo. In: O Jornal, 1992.

interação com o homem, a fantasia é um instrumento fundamental a ser *lapidado* pela realidade da aplicação. Esta fantasia, associada à que o cliente traz como material, e as expectativas que este tem com relação ao projeto, montam uma equação que explica, em parte, o resultado final. A prática nesta relação com o cliente faz concluir, cada vez mais, o desejo de se viver num simulacro, de querer tornar a fantasia de um mundo ideal realizada, nem que seja num suntuoso e falso cenário como mostra Umberto Eco:

Alegoria da sociedade de consumo, a Disneylândia é também o lugar da passividade total. Seus visitantes devem aceitar viver ali como os seus autômatos: o acesso a cada uma das atrações é controlado por corrimãos e barreiras de canos metálicos, em labirinto, que desencorajam qualquer iniciativa individual. A quantidade de visitantes impõe por toda parte o ritmo da fila; os funcionários do sonho, corretamente vestidos em seus uniformes apropriados a cada lugar específico, não só conduzem o visitante à entrada do setor pré-escolhido, mas regulam nas fases sucessivas cada passo (“agora espere ali, agora saia, agora sente-se, agora espere antes de se levantar”, sempre em tom gentil, impessoal, imperioso, ao microfone). Se o visitante paga essa pena, poderá ter não só “a coisa verdadeira”, mas a abundância da verdade reconstruída. 42

A Disneylândia é um exemplo extremado do simulacro presente nos shoppings “[do]s meus domingos”, “[no]s museus”, “[na]s feira[s] do livro”, nas ruas e nas pessoas transfiguradas na busca estética de uma outra *fachada* (continente) para abrigar seus conteúdos adormecidos ou paralisados. E o simulacro mata a criação, a fantasia, pois realiza o falso, gera um fantasma que é o nada travestido de tudo. Seres humanos-personagens, com o mundo interior deteriorado, tentam preencher seus vazios *recheando* prateleiras com livros comprados a metro ou pelas cores das lombadas, que anulam a própria história para viverem com avidez um status vulnerável às flutuações de mercado. Vê-se valores trocados e subvertidos, a qualidade substituída pela quantidade avaliada de acordo com metragem quadrada, como mostra a exigência semelhante àquela “a voz de furriel” da crônica “A feira do livro”: A casa tem que ter setecentos metros quadrados! Não importa mais o conteúdo da área construída, mas sim o tamanho e a imponência de sua fachada.⁴³ O que se percebe, é que a representação dos espaços como reflexo dos donos tende a se estender para suprimir as

42 ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. P.60

43 Ver em anexo a descrição de casos vivenciados em minha prática profissional que se referem ao assunto tratado.

transformações pessoais interiores e tornar-se um marco da ostentação de poder. Desta forma, fica clara a identificação das situações criadas por Lobo Antunes em suas crônicas com o material de trabalho dos arquitetos, ou seja, o homem e(m) seu ambiente. A grande e fundamental diferença encontra-se no fato de que o autor como “um gatuno de emoções, rostos e citações” se ocupa do que decorre desta relação homem-espaco. Seu oficio tem a grandeza de olhar e explorar este material para transformá-lo de maneira inusitada, ou seja, ao expor os sintomas (quase sempre imperceptíveis), faz *reciclar* a matéria original, reforçando com isso, o seu compromisso social.

4.3

A importância de Lobo Antunes

Paul Valéry, em seu livro *Eupalinos ou o arquiteto*, realiza “[...] uma das mais importantes reflexões sobre o processo de criação arquitetônica, [...]”⁴⁴ a partir de um diálogo criado entre Fedro e Sócrates sobre o arquiteto Eupalinus e a sua obra. Neste dialogo, Sócrates, ao tentar compreender o que o arquiteto teria querido expressar ao dizer que os edifícios “cantam”, conduz Fedro ao caminho de uma compreensão chegando à fantástica conclusão de que “[...]Um belo corpo faz-se o olhar em si mesmo e nos propicia admirável momento: é um pormenor da natureza, que o artista capturou por milagre... Mas a Música e a Arquitetura fazem-nos pensar em algo totalmente diverso delas próprias; [...]”⁴⁵. A compreensão de que o contato com estas manifestações artísticas desperta o devaneio, reforça a percepção de que a apreensão e a assimilação de uma obra musical ou arquitetônica se dêem de forma não consciente e que a sua análise transpassa os critérios de uma análise racional. Como diz o personagem de Sócrates:

“Há duas artes que encerram o homem dentro do homem; ou melhor, que encerram o ser em sua própria obra, e a alma em seus atos e nas produções de seus atos, [...] Por duas artes, é o homem de dois modos envolvido por leis e vontades interiores, figuradas em uma ou outra matéria, a pedra ou o ar. [...] Ambas

44 GUEDES, Joaquim, Geometria habitada In: VALÉRY, Paul, *Eupalinos ou o arquiteto*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. P.7

45 VALÉRY, Paul, *Eupalinos ou o arquiteto*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. P.73/77/ 81

[a arquitetura e a música] preenchem a totalidade de um sentido. [...] 46

Este processo a que o personagem Sócrates se refere deixa claro que quando os elementos físicos, representados pela pedra e pelo ar, são transformados, tornam-se invisíveis, na medida em que deflagram um estado de torpor inebriante. Este fenômeno faz lembrar Walter Benjamin quando fala na distração em sua análise sobre a relação das massas com as obras de arte. Esta mesma distração acaba por determinar que, para a maioria das pessoas, o espaço construído não seja percebido de forma plena. Levando-se em conta a importância que a mídia adquiriu nos últimos tempos, alcançando um alto patamar de influência e interferência nas mais irrelevantes situações do nosso dia-a-dia, pode-se pensar que esta mídia, atendendo ao mercado possa estar fazendo uso dos espaços, através dos planejamentos arquitetônicos e urbanísticos, para ludibriar as massas e vender os seus produtos embrulhados como pacotes culturais e artísticos. Esta conclusão traz a arquitetura para o pódio da cena contemporânea, como “protagonista e sintoma do processo”. Como explica Otília Arantes:

Raras vezes a reflexão sobre a arte e a cultura ocupou um lugar de tamanho relevo na cena contemporânea. [...] Não deve ser por acaso que [...] um momento de mudança geral de paradigmas se volte justamente para a arquitetura. É verdade que o traço mais saliente da nova era cultural é a presença avassaladora dos mídia, mas é justamente daí que decorre a posição central da arquitetura – ao mesmo protagonista e sintoma do processo. Por certo numa medida bem mais modesta, se comparada à espetacularidade do assim chamado “efeito televisão” da mídia tomada no seu conjunto, mas possivelmente mais profunda e por isso mesmo despercebida, quando entrevista do ângulo da constituição de base do cenário metropolitano – lugar por excelência da atenção flutuante, como a do telespectador. É na metrópole que se forma a disciplina “tátil” do olhar e é portanto a arquitetura que fornece a matriz dessa nova civilização midiática. 47

Parece ser esta “atenção flutuante” a matéria prima usada por Lobo Antunes e daí a sua grande importância para pensarmos a cena contemporânea. Em cada texto, são perceptíveis a dedicação e o cuidado em apontar o “efeito televisão”, o que tem por trás do despercebido, o que nubla a sensibilidade deixando à vista um campo estéril refletido nos ambientes vividos. As crônicas do autor trazem então,

46 VALÉRY, Paul, *Eupalinos ou o arquiteto*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. P.73/77/ 81.

47 ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *O lugar da Arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. P. 11-12.

pelo vínculo que o gênero faz com o cotidiano, cenas, ambientes e dores que soam familiares a qualquer ouvido.

Walter Benjamin afirma que:

O cronista é o narrador da história. [...] O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos de história do mundo. É exatamente o que faz o cronista [... que] se libert[ou] do ônus da explicação verificável. Ela é substituída pela exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas. 48

O cronista então, seguindo a afirmação de Benjamin, alcança, através de seus relatos, recortes mais completos da vida cotidiana do que os próprios historiadores, pois não só trabalha com os dados e fatos em si - as matérias primas do historiador -, mas tem a seu favor a permissão, ou o compromisso social para, por trás de um aparente descompromisso, imprimir o seu olhar. Além disso, toda explicação pressupõe sempre um fato já ocorrido, o historiador olha para trás em busca de esclarecimentos. Lobo Antunes, em suas crônicas, trabalha o momento presente com o gume e a precisão impressionistas para captar um momento único dos sentimentos e das sensações, transmitidos num fragmento de cena, num instante sem tempo nem espaço, mas que contém em si não só a história, mas também aspectos sociológicos, antropológicos, culturais e psicológicos de uma dada época. O autor parece saber da importância desses instantes “no fluxo insondável das coisas”, do valor que têm esses pormenores que escapam aos filtros das pesquisas científicas. Aprofundando essa percepção, Certeau afirma que:

A enquete estatística só “encontra” o homogêneo. Ela reproduz o sistema (a que pertence) ao qual pertence e deixa de fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano. A força dos seus cálculos se deve à sua capacidade de dividir, mas é precisamente por essa fragmentação analítica que perde aquilo que julga procurar e representar. 49

Num movimento diferente é que Lobo Antunes trabalha. Ao *pescar* com o olhar os fragmentos dos “*patchworks* do cotidiano” descobre, em cada segmento

48 BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. P.209.

49 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I*. Petrópolis: Vozes, 1997. P. 46.

isolado, cada retalho, diversos *patchworks*; ao focar um objeto ou uma cena, o autor associa e integra todo o conjunto.

Uma das características da narrativa do autor é a de dar um novo valor ao texto pelo uso das metáforas, que ilustram e estendem o seu conteúdo para outros sentidos, dando com isto, uma nova dimensão às coisas triviais. Esta habilidade pode ser comprovada através da epígrafe: “... não seria má ideia dar um nó na vida para não me esquecer dela.”⁵⁰, quando o autor *brinca* ao dar uma estrutura física, simples e concreta para a vida. Ao concretizar um estado tão complexo, Lobo Antunes parece trazer a vida para o dia a dia, lembrar que ela é feita de fragmentos de dia sobre fragmentos de dia, e que pode ser vista como tal.

Esta aptidão para *ver* o invisível, ou para perceber o imperceptível, é traduzida por Lobo Antunes, em suas crônicas, com a peculiaridade de um olhar que possui a capacidade de transcender os valores atribuídos às coisas, ampliando o seu significado e transgredindo o seu sentido original. Estendendo este olhar, o autor confronta os opostos e sintetiza, ao costurar num mesmo movimento o avesso e o direito, os cheios e os vazios, as presenças e as ausências, uma nova visão das coisas, ou os vários retalhos de que é constituído o ser humano. Um exemplo disto se dá na crônica “Já não tenho idade para estas coisas”⁵¹ em que o personagem relata:

A mim só uma camisa a secar numa corda, no prédio com o cafezinho por baixo, me estende os braços. Podem parecer vazios mas não estão: existe alguém lá dentro a chamar-me: as camisas desabitadas não chamam por ninguém. [...] O ventinho da noite empurra as mangas da camisa para mim. [...] Há ocasiões em que um homem se sente tão mal vivido que se não fosse por timidez aceitava o abraço da camisa. Pode ser que ainda tenha idade para coisas dessas. 52

Neste fragmento, o autor alcança uma bela imagem poética, ao criar o encanto de dar *vida* a um objeto, de fazer *ver*, pelo olhar do personagem, o *cheio* da camisa em seu vazio. Lobo Antunes, a partir da visão de uma roupa estendida em um varal, de um objeto real e comum, dá o tom exato da dimensão e da intensidade da solidão do personagem pela concretização contida na presença da ausência e na ausência da presença. Com esta imagem, o autor faz lembrar,

50 ANTUNES, António Lobo. “Volto já”. IN: *Livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.292

51 Idem.

52 ANTUNES, António Lobo. “Já não tenho idade para estas coisas”. IN: *Segundo Livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.113

novamente, Chico Buarque e sua memorável visão de uma separação conjugal sintetizada nos versos: [...] Como, se na desordem do armário embutido / Meu paletó enlaça o teu vestido / E o meu sapato inda pisa no teu [...]53

Com essa percepção inusitada dos fatos mais comuns, o autor desconstrói conceitos aprendidos, para fazer exercitar no leitor o olhar do estranhamento. Ao isolar um objeto alterando o seu significado e seu contexto, ele *quebra* velhas e arraigadas noções. Com isso, deixa entrever, nos atos mais comezinhos, os vícios de comportamentos, ações e reações, e propõe ao leitor novas idéias ou noções dos sentimentos que tem em relação às coisas. Ao mesmo tempo, o fragmento citado ilustra de forma extrema a solidão nas grandes cidades.

A solidão parece ser considerada na atualidade, um mal a ser evitado a todo custo. Vista sempre como um estado nocivo à existência, todos os setores de atividades nas grandes cidades, se ocupam cada vez mais, e sempre associados ao mercado de consumo, em criar estímulos e artifícios que afastem este *mal* a qualquer custo.

A crônica “Manual de Instruções”54 é um delicado relato que explora a solidão de modo inusitado e soa como uma tomada de decisão em relação à vida. O texto fala, basicamente, do momento presente de um homem que tem, aos cinquenta anos, uma serenidade atípica aos tempos atuais e às situações criadas pelo autor, pois, com tranquilidade e os dois pés no chão, o personagem é capaz de olhar para seu passado sem negá-lo, nem desejá-lo de volta. Ao mesmo tempo, a consciência da idade tem para ele o equilíbrio entre a quantidade e a qualidade de tempo vivido e mostra a noção que tem do mundo à volta: “Aos cinquenta anos, que é quando se começa a confundir a saúde com a virtude, o bom senso parece-me uma espécie de dieta cuja ausência de sal me desagrada.” 55

Este início do relato mostra a linha divisória estabelecida pela idade, onde a condição física determina que a partir deste ponto da vida, a curva é descendente e as limitações crescentes. Ao mesmo tempo, mostra a consciência que o personagem tem de que esta condição é imposta e estendida, pela cultura ocidental, de forma a *contagiar* toda a existência, ao promover uma equação

53 CHICO BUARQUE. Eu te amo. T. JOBIM, C.BUARQUE. [compositores]. In: Chico Buarque. [SI]: Marola Produções Artísticas, 1980.

54 LOBO ANTUNES, António. “Manual de Instruções”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa, 1998. P.105

55 LOBO ANTUNES, António. “Manual de Instruções”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa, 1998. P.105

totalmente insana na qual se torna necessário *deixar de viver*, para manter-se vivo. Ao buscar no passado as referências para a nova fase madura, o personagem encontra:

[...] uma terceira idade que ainda não é a minha, onde os sexagenários vêm morrer na areia numa desilusão de cachalotes sem esperança, guardados por esposas que os alimentam de sanduíches de paio e de jornais desportivos. 56

A decrépita imagem da decadência da velhice, faixa etária que ainda não é a dele, mas que como todas as outras, é o resultado de um cultivo diário ao longo da vida, que aparece como o amanhã visto aos olhos de hoje, provoca no personagem o desejo de mudar:

Actualmente [...], me apetece, de facto, ir embora, não daqui mas do que tenho sido, ou seja do medo de uma cadeira vazia do outro lado da mesa do almoço, com uma jarra de flores de plástico a substituir um sorriso que se inquieta com as nossas alterações de humor e nos recomenda uma visita ao dentista, tomando pelo mal-estar de uma carie o desgosto de nos mesmos que nos faz arrastar de sofá em sofá essa espécie de reumatismo da alma[...] 57

Neste pequeno trecho, Lobo Antunes toca, com uma delicadeza extrema, nas relações afetivas *estáveis* e na solidão, questões que dominam e assustam a vida adulta, pois são consideradas, geralmente, como soluções excludentes e não como opções. O autor deixa subentendida a sensação de distanciamento na relação, anterior à “uma cadeira vazia” quando descreve “do outro lado da mesa” que, apesar de ter um significado igual a estar em frente à, traz o peso da oposição em seu sentido. Lobo Antunes ao explorar pequenos detalhes desta relação, mostra com clareza pormenores característicos dos casamentos desgastados tanto pela mútua incompreensão, como pela evidente confusão entre as dores psíquicas e as físicas. Esta confusão, novamente amparada pela mídia e pelo mercado, gera nas pessoas o impulso de tentar resolver questões ontológicas (como o magnífico “reumatismo da alma”⁵⁸) através de mágicas soluções oferecidas como pílulas da felicidade, ou como terapias comportamentais variadas, ou na prática de *shopping*. No entanto o medo da solidão não é maior do que a consciência da falência de

56 ANTUNES, António Lobo. “Manual de Instruções”. In: Op. Cit. P.105

57 Idem.

58 ANTUNES, António Lobo. “Manual de Instruções”. In: Op. Cit. P.105

uma relação estagnada, apesar da dúvida na decisão de “ir embora”. Este impasse emocional é ilustrado pelo autor de uma forma emocionante, como mostra o fragmento:

Apetece-me ir embora se bem que uma visita a um supermercado, feita a sós, se me afigure mais penosa que uma exploração polar: os corredores de latas e de frascos, sempre prontos a desabarem sobre mim bolachas de chocolate, salsichas de conserva e iogurtes sortidos, têm uma caixa registradora a tilintar ao fundo um minuete de trocos que me empalidece a solidão. Mas é possível abastecer-me nas merceariinhas de bairro, que prolongam a província na cidade com o odor agridoce do bigode da patroa e uma desarrumação de celeiro em que redescubro a minha infância, esquecida nos granitos de uma Beira perdida. 59

Neste parágrafo citado, sinto-me obrigada a abrir um pequeno parêntese por considerar relevante para o trabalho proposto. Lobo Antunes, ao estabelecer um paralelo entre os supermercados e as mercearias de bairro, faz uma importante avaliação dos ambientes contemporâneos que tomo como representação e defesa das intenções de parte desta dissertação. Ao falar das diferenças entre os dois espaços, o autor está descrevendo como se sente um frequentador (ainda que fictício) destes ambientes. Num tom absolutamente informal, está fornecendo ao leitor, uma oportunidade de despertar para este tipo de percepção, desenvolver seu senso crítico e ampliar o universo de observação. Da mesma forma, ao fazer isso, o autor fornece, através de sua ficção, importantes dados aos arquitetos e urbanistas, pois para os que concebem tais ambientes, estes *feedbacks* espontâneos e isentos de comprometimentos são fundamentais para o exercício profissional.

A escala das cidades quando se altera transfere para os novos pólos criados o seu centro nervoso e vivo, esvaziando os antigos centros. Este movimento acaba por obrigar a implantação de novos programas urbanísticos que, apesar de terem como objetivo a revitalização desses vazios fantasmas urbanos, resultam, em geral, em ambientes artificiais, pois não se desenvolvem de forma natural. Como analisa Marc Augé, estas novas cidades, apesar dos recursos, jogam fora as sensações e relações que vivenciavam quando a escala era outra:

[...] no centro[...] estão agrupados um certo numero de bares, hotéis e lojas, não longe da praça onde fica a feira...Em intervalos semanais regulares (o domingo e o dia da feira), o centro “se anima” e é uma reclamação freqüente dirigida às

59 ANTUNES, António Lobo. “Manual de Instruções”. In: Op. Cit. P.105

idades novas, originárias de projetos de urbanismo ao mesmo tempo tecnicistas e voluntaristas, não oferecerem um equivalente aos lugares de vida produzidos por uma história antiga e mais lenta, onde os itinerários singulares se cruzam e se misturam, onde trocam-se palavras e esquecem-se as solidões por um instante, na porta da igreja, na caixa do café, na padaria: o ritmo meio preguiçoso e atmosfera propícia à conversa da manhã de domingo[...]”⁶⁰

Nestes novos espaços urbanos começam a se formar outras formas de comunicação, pois em meio aos não-lugares - que segundo Augé se caracterizam por serem “... tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trechos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais[...]”⁶¹ - a possibilidade de realização de diferentes atividades sem necessidade de contato com outra pessoa, dificulta a criação de vínculos ou relações.

As crônicas de Lobo Antunes parecem tornar evidente que tal realidade há muito já entrou em nossa casa, em nossos hábitos e em nossa capacidade de estabelecer laços com o outro e com os espaços em que vivemos. Seus textos fazem ver que apesar de toda a parafernália tecnológica voltada para conforto e segurança e da praticidade em acioná-la através de controles remotos, nunca controlamos, mas somos controlados por câmeras que nos tornam figurantes de um filme Z.

A arquitetura é uma arte aplicada e, por isso, cercada por imposições e normas que muitas vezes requerem uma dose extra de criatividade para se realizar. Além disto, não apresenta nenhuma forma satisfatória de representação, o que exige um alto nível de abstração em sua concepção, pois os desenhos, maquetes, fotografias ou vídeos, são simulações da escala humana, não permitem o percurso nem o tempo de fruição decorrente deste. Essas dificuldades tornam necessária uma constante avaliação do espaço construído. Com isso, as crônicas de Lobo Antunes adquirem um novo valor, pois ajudam a reeducar ou deseducar o olhar quando trazem a percepção do ponto de vista do receptor ou usuário, e apresentam e representam os cenários contemporâneos, os novos ambientes dessa “terra de

60 AUGÉ, Marc. In: Op. Cit. P. 63-64

61 Idem. P.36-37

ninguém ideológica [em] que se transform[ou] a arquitetura depois dos modernos”, como afirma Otília Arantes.⁶²

Ao falar da frieza e da solidão sentidas no supermercado, o personagem estende e funde as relações com o espaço e com o outro, donde se confirma a arquitetura como reflexo do homem. O carinho pelas mercearias de bairro, mostra a necessidade das referências contidas na preservação dos costumes regionais, onde aí se percebe Portugal pelo “bigode da patroa” com seu cheiro acre, porém doce porque familiar e maternal. Da mesma forma, percebe-se na sensação da “desarrumação de celeiro”, a presença impregnada do cheiro característico dos secos e molhados, sepultados hoje pela perceptível assepsia e impessoalidade dos supermercados, convenientemente definidos como um local destinado a uma “exploração polar”.

O desejo manifestado pelo personagem de “viver como um estudante sem família numa Lisboa apertada entre a Almirante Reis e a Pascoal de Melo igual a uma rapariga a ler de cabeça entre as mãos.”⁶³, mostra a linda imagem de uma escala menor e mais íntima da cidade, contida entre as mãos, que abarca e *respira* o conhecimento, a curiosidade, a irreverência e a esperança representados no estudante. É clara a fusão dos espaços com os interiores humanos, com os ambientes e com as relações com o outro e com a solidão que passa a transformar seu significado tradicional. A partir daí o personagem quer novos caminhos que o possam levar ou trazer para outros lugares, para novas alternativas de vida:

O meu drama consiste em ter demorado tempo de mais a entender que os verdadeiros fantasmas são os vivos e em descobrir, no espelho da manhã, uma cara parecida com a dos meus retratos que me pedia o que tinha medo de lhe dar. ⁶⁴

Ao ilustrar a solidão, Lobo Antunes deixa ver que uma das descobertas advindas da maturidade é a de que o homem é um ser solitário e que esta pode ser uma experiência salutar e criativa, da mesma forma, a importância do silêncio como elemento vital para o pensamento e reflexão. Chaves fundamentais são apresentadas pelo autor que fala também que a condição de acesso a elas dá-se pela capacidade de se desamarar das convenções impostas e compreender que os antigos prazeres não se tornam necessariamente obrigação e, com isso, perdem o

62 ARANTES, Otília Beatriz. IN. Op. Cit. P.10

63 ANTUNES, António Lobo. “Manual de Instruções”. In: Op. Cit. P.106

64 Idem.

sabor; que muitas vezes o bom senso é morte em vida e que a maturidade e a velhice não são passatempos, mas devem ser degustadas “... sem presságios nem remorsos, livres da dieta do bom senso que nos tirou o gosto aos dias e sem a necessidade de uma jarra de flores de plástico para nos defender da solidão” 65, como o próprio autor afirma: “Viver diverte-me muito. Nunca me aborreço quando estou sozinho.”66

65 ANTUNES, António Lobo. “Manual de Instruções”. In: Op. Cit. P.106

66 ANTUNES, António Lobo. In: BLANCO, María Luisa. *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002